



Movimentos de conversão da atenção e experiência de transformação de si

Movements of attention conversion and the experience of self-transformation

Cristiane Bremenkamp Cruz

Marcia Oliveira Moraes

Universidade Federal Fluminense

Luciana Vieira Caliman

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumen

Nosso objetivo neste artigo é fazer uma discussão acerca dos regimes atencionais, pautada especialmente nos estudos realizados pelo filósofo Henri Bergson, especialmente em sua obra intitulada *Matéria e Memória*. O texto parte de uma narrativa de uma experimentação cotidiana, a fim de explorar conceitualmente as variações da atenção. Desdobramos alguns aspectos da relação com a percepção e a ação. Por fim, discutimos as diferenciações entre o reconhecimento automático e atento e destacamos a importância política da experimentação do reconhecimento atento, exigente de tateios e reinvestidas na habitação do presente em seu ressoar temporal.

Palavras-chave: **Atenção; Regimes Atencionais; Reconhecimento Atento; Reconhecimento Automático**

Abstract

Our aim in this article is to make a discussion of attentional systems, grounded in studies by philosopher Henry Bergson, especially in his work entitled Matter and Memory. The text is based on a narrative of an everyday trial in order to conceptually explore the variations of attention. Unfold some aspects of the relationship between perception and action. Finally, we discuss the differences between the automatic and attentive recognition and highlight the political importance of attentive recognition experimentation, demanding gropings and reinvested in the housing of the present in its temporal resonate.

Keywords: Attention; Attentional systems; Attentive recognition; Automatic recognition

Introdução

Este artigo apresenta um ensaio acerca dos regimes da atenção. Nosso interesse é afirmar a atenção não como um processo que funciona no estilo binário: zero ou um, atento ou

desatento, mas como processo que varia e modula em graus.

Seguindo algumas reflexões de Henri Bergson (1932/1978, 1896/1999, 1901/2004, 1902/2006, 1934/2006) nos interrogamos

acerca de tais variações da atenção. Como funcionaria, se entendida longe do referencial binário que separa dois polos estanques: atento X desatento? De que modo podemos articular as relações entre atenção e ação se tomamos o regime atencional como fluxo que varia? Tais questões permeiam este artigo. Para dar conta delas, assumimos um estilo de escrita que se costura com cenas do cotidiano. São cenas experimentadas por uma de nós e que comporão o texto na medida em que nos permitem aprofundar as reflexões que fazemos a partir de Bergson (1896/1999) e de outros autores. Como tais cenas foram recolhidas por uma das autoras deste texto, a sua escrita será apresentada na primeira pessoa do singular, enquanto em outras partes do trabalho, seguimos com a primeira pessoa do plural.

Uma cena: Conversão da atenção e mundos que se avizinham

Era outono e andava de bicicleta num bairro do Rio de Janeiro, havia folhas amareladas e murchas próprias àquela estação do ano. Estava na companhia de um amigo biólogo. Sentados na mureta para descansar, repetidas vezes ele me mostrava pequenos seres vivos que se escondiam entre as pedras ao nosso redor. Bastava uma lacuna na conversa, silêncio estendido, para que sua atenção se fixasse naquilo que em seguida me apontaria: baratas brancas, siris, formigas. A ação reiterada me causou grande surpresa, pois, num súbito, notei como captávamos o mundo e éramos sensíveis a ele de modos tão diversos. Eu via, sobretudo, as pessoas que por ali circulavam.

A tarde se estendeu e na sequência fomos para a casa dele. Havia muitas pessoas desconhecidas, todas com formação em biologia, inclusive, exceto eu e outra pessoa com quem trocava olhares de vez em quando. Eles lembravam-se das eco-vilas de Magé que um e outro já havia visitado, contando boas histórias, e trocavam dicas sobre a fabricação caseira de composteiras domésticas¹.

Algo sutil se passava entre nós, como só posteriormente pude notar, embaralhando as fronteiras que supostamente isolava e circunscrevia mundos bem delimitados. No dia

¹ Um dispositivo onde se depositam restos de alimento orgânico, a partir do qual as minhocas poderão fazer o trabalho de produção de húmus que será utilizado no adubo de plantas.

seguinte, já retornada a minha morada, fui caminhando até o Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC), onde aos domingos pela manhã acontece aulas de tai chi chuan para a comunidade, que eu praticava. Sentada diante da fonte que se situa no térreo do MAC, notei que o professor de tai chi, que era substituto naquele dia, se aproximava de mim. Ele contempla a paisagem, e pergunta algo em relação à produção do movimento das micro-ondas que se precipitavam na superfície da água, e eu respondo à sua pergunta, com alguma precisão, embora eu não entenda do assunto, pois em seguida, ele me pergunta: você é bióloga?.

Mais do que a resposta à questão, guardo do encontro a experimentação de variação, atmosfera rente a um plano que abrigava as passagens, acolhendo os movimentos mais que as imobilidades. Janice Caiafa (2000) descreve de modo interessante uma sensação similar ao tratar da leitura de um poema. A rigor, ela nos diz, a leitura da poesia implica abrigar as repercussões que a poética vai provocar. O que significa dizer que um poema pode produzir seus efeitos anos depois de ser lido porque sua ação não se esgota no momento da leitura. O poema poderá voltar como uma dádiva num lapso de tempo que ultrapassa as batidas do relógio.

A arte é um território privilegiado na produção de ressonâncias experimentadas quando a conexão com a matéria é, ao mesmo tempo, atenta, interessada e não propriamente funcional e utilitária. Exercício que convoca conversão dos regimes de atenção habituais, o que ocorre quando há abertura à textura das circunstâncias no encontro com as forças com que se entra em relação. Bergson (1896/1999) já ressaltava que toda divisão da matéria em corpos independentes de contornos absolutamente delimitados é uma divisão artificial. No exercício de conversão atencional, por outro lado, experimenta-se o acesso a um plano no qual os contornos margeiam o que, a rigor, é pura continuidade heterogenética.

Assim, poderíamos divisar, esquematicamente, duas direções ou qualidades da atenção, que coexistem na experiência e convivem em nós. Por um lado, diante de uma conversa a respeito de eco vilas e composteiras domésticas, pode-se informar do assunto a ponto de afirmar com alguma propriedade “estão falando de uma prática ecológica”. Por outro,

acompanhando os ritmos da conversa, o vaguear da atenção conjugado ao interesse por compartilhar um mundo que se avizinha, pode gerar uma espécie de atração, capaz de mobilizar, capturar, produzindo uma coincidência com aquilo que nos margeia, o que nos leva a aproximar-se mais e mais do tema no qual se envolve, gerando uma qualidade de presença que nos tira do expediente normal. Neste caso, não se trata da percepção de um objeto estanque e formal, de representação e reconhecimento automático, mas de tocar o estímulo, seguir com ele e transformar-se neste contato.

No avesso desta cena, é curioso notarmos no cotidiano a profusão de situações nas quais comumente a realidade nos aparece, diferentemente, de modo objetivo e decalcado. São distintas direções atencionais que convivem em nós, guardando gradações diversas em relação ao modo de agir que seguirá cada uma destas disposições atencionais.

Neste texto, afirmarmos como interessante exercício equivocarmos a obviedade e experimentarmos seu avesso: afinal, vendo as formas *dadas*, o que não vemos? Quais mundos se avizinham no que se precipita diante de mim com objetividade e estabilidade?

A atenção entre a percepção, a ação e a criação

O objetivo de Bergson (1896/1999) residia em analisar a vida em sua total variedade: de seu extremo determinado ao seu extremo indeterminado. À primeira vista, o título *Matéria e Memória* sugere esta separação. Por um lado, a matéria e sua determinação; por outro, a memória e sua indeterminação. Mas é preciso ressaltar que se encontramos em Bergson (1896/1999) a presença deste dualismo, ele não é, em nenhum momento, de caráter ontológico. Para Bergson (1896/1999), o dualismo entre a matéria e a memória, entre as esferas determinadas e indeterminadas da vida resulta da ação do corpo. Ao mesmo tempo, em seu trabalho, o dualismo é um recurso metodológico e didático. A distinção entre polos aparentemente opostos conduz o leitor, passo a passo, ao exercício de construção de um contínuo formado pela ação, acentuando a inseparabilidade entre dimensões distintas e coexistentes de modo indissociável no viver.

Em Bergson (1896/1999) os graus de determinação e indeterminação das ações humanas

variam entre a simples reação automática do corpo à ação indeterminada, ao ato reflexivo criativo e ao ato intuitivo. Na base do pensamento de Bergson (1896/1999), encontramos uma ênfase nas diferenças e também nas relações entre a ação necessária, útil e automática e a ação possível e indeterminada. Nela, a noção de atenção tem um papel central.

Para Bergson (1896/1999) o corpo vivo é um corpo que age, que é centro de ação e que é, antes de tudo, centro de interesse e seleção. Do ponto de vista bergsoniano, não existem representações desinteressadas. Para o filósofo (Bergson 1896/1999) representar não significa reprodução do mundo através dos olhos da razão desprendida, nem equivalência a um mundo pré-existente. Pelo contrário, no ponto de vista onde se situa representar é restituir um movimento que desde o início é selecionado com vistas à ação, uma vez que não há percepção que não se prolongue em movimento. Em outras palavras, a percepção já é uma ação nascente que se desenha.

A matéria não contém virtude misteriosa, nem pode exercer poderes além de receber e transmitir movimento (Bergson 1896/1999). Poderíamos inclusive ressaltar um exemplo do qual o autor se utiliza ao afirmar que o sistema nervoso - massa material apresentando certas qualidades de cor, resistência, coesão, etc. - poderia apresentar propriedades físicas não percebidas, mas propriedades físicas apenas. E com isso só pode ter por função receber, inibir ou transmitir movimento. Sendo uma imagem entre as demais, o corpo não cria imagens, mas ocupa entre elas uma posição privilegiada, já que é capaz de exercer uma ação real e nova sobre os objetos que o cercam.

O autor faz uma analogia ao comparar o corpo com uma bússola que, sendo deslocada, marca a todo o momento sua posição em relação às imagens que o cercam (Bergson 1896/1999). Aí reside sua singularidade: o corpo vivo é destinado a receber e transmitir movimento, tendo alguma ingerência neste processo, uma vez que a matéria é veículo de ação muito mais que substrato de conhecimento.

A filosofia de Bergson (1896/1999) postula que, por mais abstrata que seja uma concepção, seu ponto de partida será sempre uma percepção real e ativa, inscrita num corpo si-

tuado no mundo com vistas à ação. O autor afirma que as imagens (v. Deleuze, 1992) - circulando e reagindo umas sobre as outras de maneira contínua - ao encontrarem com corpos vivos sofrerão, na relação com estes, determinados recortes e neste enquadramento com vistas à ação consiste a prática perceptiva das imagens vivas (Bergson, 1896/1999). O que significa que há mais nas imagens propriamente ditas do que na percepção das imagens, posto que a percepção é antes uma subtração do que uma adição (Bergson, 1896/1999). A prática perceptiva consiste, deste modo, numa subtração em relação às imagens em geral, ocasionada em virtude das possibilidades e interesses práticos da ação de cada corpo vivo ao entrar em contato com elas.

Todas as imagens agem e refletem o movimento de umas sobre as outras, mas somente o corpo tem a capacidade de, através de sua ação, selecionar a restituição do movimento. Isto é, se todos os estímulos-imagens incidem sobre o corpo, nem todos estabelecem com ele uma relação de troca. É nestas fronteiras que as configurações provisórias fazem morada, não definitiva, pois incessantemente moventes.

Bergson (1896/1999) insiste na função seletiva do corpo. Há, primeiramente, uma seleção e uma limitação (ou inibição), um movimento de resistência a uma parte específica do mundo, um resistir que a torna presente e a coloca em relação com o corpo. É nesta resistência oferecida às imagens selecionadas que o corpo encontra um primeiro canal para a liberdade. Sua primeira ação criativa é, portanto, a seleção interessada do movimento a ser restituído. Isto é, enquanto a posição do objeto material (não vivo) é perceber todas as influências de todos os pontos de todos os corpos, perceber conscientemente significa escolher, e a consciência consiste, sobretudo, nesse discernimento prático com vistas à ação.

Para Bergson (1896/1999) a matéria até poderia ser percebida sem o concurso de um sistema nervoso, sem órgãos dos sentidos, o que não é teoricamente inconcebível, segundo ele. Mas isso seria praticamente impossível, porque uma percepção desse tipo não serviria para nada. Ela conviria a um fantasma, não a um ser vivo, a um ser ativo. Em suma, Bergson (1896/1999) afirmará que a percepção

coincide com as questões que são colocadas à atividade motora do corpo, tendo aí sua verdadeira razão de ser: a tendência do corpo a selecionar imagens, se afetar, se transformar e se mover.

Na filosofia de Bergson (1896/1999; 1934/2006) encontramos uma relação íntima entre ação e atenção. Quase sempre as mesmas noções são utilizadas para caracterizá-las e para defini-las: a uma atenção automática corresponde uma ação automática; a uma ação criadora, corresponde também uma atenção criadora. Em seu pensamento sobre a ação, encontramos um corpo por definição seletivo, que direciona seu interesse para aquilo que pode influenciar ou operar uma mudança e um movimento no mundo. A atenção é esse interesse primeiro, é o que direciona a ação subsequente e que já é por ela influenciada, é o elo constitutivo das formas vivas.

Falando da esfera viva mais determinada ou do ser humano como um ser moral e intuitivo, a atenção e a ação estão inter-relacionadas. Por ser uma característica de toda espécie viva, a escolha e a seleção que são realizadas pela atenção não são subjetivadas e extrapolam a noção de consciência. Como consequência, na base da subjetividade humana ele constrói um triângulo formado pelos vértices da ação, da atenção e do corpo que nem sempre inclui o trabalho consciente.

Lembremos que Bergson (1896/1999) faz uso primeiro de distinções para pensar em seguida nas relações do que não se separa. Ele afirma que existe uma atenção e ação que são automáticas e uma ação e atenção criadoras, mas que o processo da atenção engloba estas duas esferas e as coloca em relação. Encontramos na base da ação cotidiana e da vida prática, por um lado, o automatismo determinista, mas é também sob essas bases e sendo por elas influenciado que um movimento de conversão transforma o movimento automático em gradações mais livres e indeterminadas.

Neste ponto, poderíamos retomar a narrativa da qual nos valem no início deste texto como indicadora do acesso a duas direções distintas do processo atencional implicadas uma na outra e que, no entanto, acentuam gradações da ação que vão decorrer a cada uma destas disposições atencionais.

Por um lado, a relação se estabelece num plano que não altera o estado de coisas. Ouve-se a respeito de composteiras domésticas e eco vilas, mas não se é afetado pela vizinhança ao novo mundo que se apresenta. Ante a informação que se adquire, a ação é imediata e não criativa, o termo mais apropriado talvez fosse mesmo, reação. O corpo responde imediatamente às excitações recebidas. Não há um vaguear pelos planos da experiência, nem uma espécie de imantação que exige tempo a se perder diante do que se estranha.

Por outro lado, podemos experimentar algo como uma espécie de distância íntima em relação ao que a novidade do encontro porta. O mundo que se avizinha gera atração, mobiliza, captura, produzindo no corpo novas disposições para agir. Esta qualidade de presença pode ser expressa por um silêncio que aguarda, repercutindo seus efeitos num lapso de tempo que é o domínio próprio da criação.

Para Bergson (1896/1999) tocamos a realidade do movimento quando ele nos aparece interiormente como uma mudança de qualidade. Experimenta-se aí uma fratura ao nível sensório-motor. Poderíamos dizer que a não correspondência entre as dimensões sensória e motora do corpo dizem do acesso a este plano movente que, embora incessante e sempre presente, nem por isso tocado efetivamente enquanto mobilidade nas situações as mais diversas do viver. Pois, muitas vezes simplesmente agimos e reagimos, de modo que ao receber estímulos imediatamente os executamos em movimentos eficazes apreendidos pelo corpo, de maneira mecânica e até mesmo responsiva.

No entanto, para Bergson (1896/1999) o que distingue as imagens vivas da matéria inerte é justamente a capacidade de comportar um intervalo de movimento entre a recepção dos estímulos recebidos e a execução dos movimentos a ser realizados. E é a partir deste hiato de movimento, que será possível a produção de espera e hesitação, em suma, de uma ação retardada e geradora de indeterminação, característica especial das imagens vivas. Pois, se por um lado é possível calcular fisicamente o trajeto de um objeto inerte a partir de um impulso inicial, diferentemente, a resposta de um ser vivo pode não ser tão calculada assim: ele espera, hesita, pensa, escolhe, e age de modo não determinado.

Bergson (1896/1999) afirmará ainda que todas essas funções só são possíveis nos corpos vivos porque há entre o estímulo recebido e a resposta executada um intervalo, um hiato de movimento. É neste intervalo que irá localizar o papel da afecção. Por isso distinguia diferentes alturas de tensão ou de tom na vida psicológica. Dizia ele que “a consciência está tanto mais equilibrada quanto mais tensionada estiver na direção da ação, tanto mais vacilante quanto mais afrouxada numa espécie de sonho” (Bergson; 1934/2006, p. 120). E ainda que, quanto mais reflexa for a reação do organismo, menos consciência se terá dela, pois uma ação reflexa não exige consciência e atenção.

Uma conversão ou uma redenção da atenção, no entanto, ocorre quando seu caráter inicial de limitação é utilizado em sua ampliação subsequente, quando o praticamente interessante é transformado naquilo que não tem apenas uma utilidade prática.

No processo de conversão da atenção, algumas etapas podem ser distinguidas. Primeiramente, uma imagem externa e real interfere e estimula o sujeito, mas esta estimulação não é aleatória ou devida somente aos poderes atrativos do objeto. O interesse é sempre direcionado pelas possibilidades de ação que são criadas a partir da mútua interferência na interdependência entre eles. Assim, poderíamos captar o princípio ativo desta ideia através de um exemplo simples: um médico que por ventura terá um paciente picado por uma cobra e precisará socorrê-lo, certamente aprenderá de maneira mais encarnada como neutralizar o veneno do que uma pessoa que está apenas estudando o assunto teoricamente, sem pretensões de valer-se deste aprendizado, de utilizá-lo.

O aspecto central que interfere na seleção do estímulo a ser percebido é a ação. Bergson (1934/2006) ainda insiste na interpelação: uma mãe que dorme ao lado de seu filho poderá não ouvir os trovões, enquanto um suspiro da criança a despertará. Dormia ela realmente para sua criança? Nós não dormirmos para o que continua a nos dizer respeito, ele afirma. Para Bergson (1934/2006) a atenção está longe de ser um processo homogêneo, pois comporta dimensões complexas e não esgotáveis no ato de prestar atenção como atividade totalmente deliberada e consciente. A relação com a ação marca a distinção que se-

rá estabelecida entre si e mundo, sendo paradoxalmente, a quebra da ação sensorio-motora o que ocasiona uma qualidade de detenção da atenção que se volta sobre si e transfigura.

Esta abordagem está também presente nas análises realizadas por Francisco Varela, Evan Thompson e Ellen Rosch (2003) ao comentarem o trabalho de Maurice Merleau-Ponty (1942/1975). Para este autor, o corpo toma parte na escolha dos estímulos aos quais será sensível a partir dos limiares e movimentos deste corpo, o que nem sempre acontece de modo consciente. Merleau-Ponty (1942/1975) utiliza uma imagem interessante ao comparar o corpo com um teclado que, segundo ritmos variáveis, move-se a si mesmo oferecendo esta ou aquela tecla à ação de um martelo exterior. O meio (*umwelt*) se destaca na relação que o corpo estabelece com o mundo.

Para Humberto Maturana e Francisco Varela (2001) há uma inseparabilidade fundamental entre percepção e ação. Agimos sempre no mundo que habitamos, logo, o termo mais adequado seria “ação perceptivamente orientada” (Varela et al., 2003, p. 177). Ressalta-se aí a mútua implicação entre exterior e interior, uma vez que a perturbação externa só adquirirá o estatuto de estímulo a partir do constante ir e vir dos balanços internos (Maturana & Varela, 2001, p. 138). A preocupação central da visão enativa formulada por Varela tem aí suas bases, contrapondo-se ao ponto de vista comumente aceito de que a percepção é substancialmente um registro de informações dadas no mundo físico. Na abordagem enativa, diferentemente, a realidade não é um dado: ela depende do perceptivo, não em virtude de se construir por capricho, mas porque o que conta como mundo relevante é inseparável do que a estrutura do perceptivo é (Maturana & Varela, 2001). Há, portanto, implicações recíprocas na constituição de si e mundo, que se reordenam a partir das ações continuamente exercidas ao longo da história e dos limiares de afetabilidade que cada corpo vai construindo de modo singular.

Em recente trabalho, Vinciane Despret² (2012) desdobra a noção de *umwelt*, inicialmente formulada por Jacob Von Uexküll, que a

define, grosso modo, segundo a autora, como “meio concreto ou vivido de um animal” (Despret, 2012, p. 29, tradução própria). Como argumenta Despret (2012), a propósito de outras discussões que realiza, mas que tangenciam as discussões de nosso trabalho, a intuição de saída da *tertia de Uexküll* é próxima da que discutimos neste texto: o animal dotado de órgãos sensoriais diferentes dos nossos não pode perceber o mundo como nós o percebemos. De modo que, como a autora exemplifica, as abelhas não tem a mesma percepção das cores do que nós, assim como não percebemos os perfumes da mesma maneira que as borboletas as captam. Será, portanto, na maneira pela qual a percepção é definida que a teoria de Uexküll tomará um sentido de-cididamente original: é a atividade que preenche o mundo de objetivos perceptivos (Despret, 2012, p. 29, tradução própria). Podemos aproximar esta questão às colocações de Bergson (1896/1999, 1934/2006), tanto quanto de Maturana e Varela (2001) e Merleau-Ponty (1942/1975) que também conectam ação e percepção de maneira indissociável ao tematizarem a percepção como uma ação nascente que se desenha.

Para Von Uexküll, segundo a leitura de Despret (2012), perceber é dar significações. Não há, em nenhum mundo animal, um objeto neutro, sem qualidade vital. Isto é, tudo que existe para um ser é um signo que afeta ou um afeto que significa (Despret, 2012, p. 38). Despret (2012) retoma um exemplo de Uexküll a respeito de uma gralha que de repente não se interessa mais pelo gafanhoto que ela cobijava alguns segundos antes. E, poderíamos perguntar: por que a gralha passa a se desinteressar do gafanhoto? Curiosamente, segundo a autora, a gralha se desinteressa na exata medida em que o gafanhoto está imóvel. Pois, como tal, ele não significa mais, ele não existe no mundo perceptivo da gralha. Ele não existe - ele não afeta - senão saltando (Despret, 2012 p. 34, tradução própria). Um gafanhoto imóvel não tem significação de gafanhoto para a gralha. O que a gralha capta, tanto quanto os corpos vivos em geral, são movimentos, forças que se insinuam ao seu redor.

Vinciane Despret (2012) argumenta ainda, inspirada em Uexküll, que da mesma maneira que a teia de aranha é para a mosca, o gafanhoto se tornou para a gralha, isto é, ele integrou em sua constituição certas caracterís-

² Agradecemos ao professor Ronald Arendt pelo auxílio com a tradução e o compartilhamento deste texto para fins didáticos.

ticas de seu predador. O fato que Von Uexkull definisse, como equivalentes, meio concreto e meio vivido toma aí o seu sentido, pois os dois termos, como argumenta Despret (2012), remetem a tomadas cuja direção se apresenta indeterminada. Isto é, de uma parte o meio toma o animal, ele o afeta e, de outra parte, o meio não existe senão pelas tomadas das quais ele se faz objeto, na maneira pela qual o animal confere a este meio o poder de o afetar (Despret, 2012 p. 35).

Para o desdobramento do nosso trabalho, vale guardar estas indicações compartilhadas pelos autores no que se refere à relação indissociável entre percepção e ação no processo de conversão da atenção, tanto quanto ao aspecto de dupla-captura e compartilhamento de forças estabelecidas nas relações em interferência mútua.

Bergson (1896/1999) ao tratar dos processos de conversão da atenção, vincula-o à possibilidade de reorganização e transformação mútua de si e mundo. Daí a importância de mobilizar dispositivos que possibilitem ativar uma atenção para o modo como estamos operando, para o que vividamente passa por nós, o que parece exigir a sustentação de uma disponibilidade de presença que, longe de premeditar um resultado final ou estabelecer um tempo cronológico definido, cava brechas e sacode contornos, abrindo vias ao encontro que se opera quando nos colocamos em posição de guarda (que aguarda), isto é, quando estamos ao mesmo tempo conectados e de certo modo displicentes em relação ao que se passa e opera nos encontros.

Para Bergson (1934/2006) o processo de conversão da atenção ocorre no limiar que se percorre entre o praticamente interessante e aquilo que não tem uma utilidade prática. Em outros termos, Bergson (1934/2006) refere-se à passagem entre uma atenção à vida (formalizada e utilitária) e a realidade de sonho, na qual experimentamos certa frouxidão e precariedade de conexões, que se instala quando nesta direção nos posicionamos.

De sorte que o sonho seria sempre o estado de espírito cuja atenção não é fixada pelo equilíbrio sensório-motor do corpo. O que pode ser experimentado quando se instala em nós uma sensação de estranheza ou de frouxidão, como se as coisas percebidas perdessem seu relevo e sua solidez. O interesse tributá-

rio da ação cede lugar à experimentação de variação de si e mundo, que restam inseparáveis, abrindo espaço para o que se apresenta como potência de novidade e criação. Nestas condições, acentua-se a dissolução dos contornos que em geral delimitam mundos bem definidos e, então, descolados de qualquer realidade objetiva, deslocamo-nos na experiência. É um regime de suspensão e abertura que marca o enfraquecimento do equilíbrio sensório-motor do corpo. Em outros termos, poderíamos falar de um regime de não solidificação do real.

Por outro lado, também podemos experimentar a rigidez a qual Bergson (1901/2004) chama de atenção à vida, coordenados por um princípio de sobrevivência ou “*primum vivere*”, o que ocorre quando nos esforçamos por ser agente das próprias ações e perseguimos o lado utilitário da vida prática, insistindo em responder à ação urgente; “tal qual o trabalho de um alfaiate que experimenta uma vestimenta apenas alinhavada, ajustando tanto quanto pode os alfinetes sobre o tecido do nosso corpo” (Bergson, 1901/2004 p. 125). Essa atividade que se efetua sem cessar, essa adaptação continuamente renovada é a condição essencial do que Bergson (1901/2004) chama bom senso ou atenção à vida.

Bergson (1901/2004) ressaltará que entre essas duas direções ou qualidades - realidade de sonho e atenção à vida - há uma tensão ininterrupta e sempre instalada. São direções divergentes no modo de se relacionar, tal como elucidamos a partir da narrativa que abre este texto: ora podemos experimentar um vaguear pelos planos da experiência, mergulhados no plano afectivo, não responsivo, o qual suspende o equilíbrio sensório motor do corpo. Ora podemos também experimentar a supremacia de um eu que decide, agindo tal qual alfaiate, ajustando e equilibrando um tecido ou outro que parece sobrar, e colocando cada botão no seu devido pontilhado.

Bergson (1896/1999) afirmará o caráter entrelaçado que se estabelece entre os estados extremos de uma dinâmica totalmente contemplativa que só apreenderia o singular em sua visão e, por outro lado, um regime inteiramente motor que imprimiria a marca da generalidade à sua ação. Frequentemente esses dois modos de funcionamento aparecem interpenetrados, aglutinados, raramente havendo isolamento ou exclusão. O que se pas-

sa, ele afirma, é uma dinâmica complexa que se penetra intimamente e, deste modo, um e outro regime abandonam algo de sua pureza original.

Porém, o que notamos em nossos modos de vida atuais é que embora conviventes na experiência, a direção de um reconhecimento automático e tributário da ação parece atuar hegemonicamente nos modos de se relacionar, sobrepujando a dinâmica de reconhecimento atento que exige transfiguração recíproca de si e mundo. Daí a importância de mobilizar dispositivos que ativam a potência criadora da atenção e não se esgotam no modelo regido pelo princípio da ação utilitária.

Considerações finais: Gradações entre reconhecimento automático e reconhecimento atento

Para Bergson (1896/1999), a percepção é um processo de restituição de movimento e de preparação de ações possíveis. Na percepção atenta, vemos a constituição de um circuito tensionado. Diferentemente do processo de reconhecimento automático - efeito de um mecanismo instantâneo e motor do corpo - no processo de reconhecimento atento há exigência de uma postura de tateio e exploração, de abertura e passeio, para além do que uma atenção utilitária captaria.

Para distinguir estes dois modos de lidar com o que se passa e opera nos encontros, Bergson (1896/1999) dá o exemplo, inicialmente, de uma caminhada por uma cidade familiar. Os passos parecem seguir um curso necessário, sem intervenção da atenção-consciência, pois a percepção se desdobra em ação de maneira praticamente mecânica. “Há inicialmente, no limite, um reconhecimento no instantâneo, um reconhecimento de que apenas o corpo é capaz, sem que nenhuma lembrança explícita intervenha. Ele consiste numa ação, e não numa representação” (Bergson, 1896/1999, p. 103). Esta é a forma assumida no processo de reconhecimento automático.

Bergson (1934/2006) refere-se ao processo de reconhecimento automático como a capacidade de saber servir-se de determinado objeto ou imagem, de tal modo que não há necessidade de intervenção da atenção-consciência. Esse reconhecimento automático se funda sobre uma memória de dispositivos motores, uma memória-hábito, adquirida por

repetições motrizes. À medida que se repetem determinadas posturas a partir de percepções que as evocam, a certa altura, naturalmente, determinadas reações seguirão a percepção em questão. Em outros termos, passamos a responder automaticamente com um ato apropriado à circunstância. Essa memória-hábito, portanto, se encontra localizada no corpo. Esse tipo de reconhecimento, uma vez adquirido, é automático, ou seja, não exige daquele que reconhece nenhum esforço de atenção e reflexão.

Numa outra direção, por sua vez, o reconhecimento atento se opera quando o equilíbrio sensório-motor, esse encadeamento entre a percepção e a ação, se rompe e exige detenção e esforço da atenção. Sendo uma experiência de ruptura sensível, é processo exigente de desdobramentos, sentido pelo sujeito como uma necessidade que não se confunde com um processo de deliberação voluntária e consciente. O processo de reconhecimento atento não se efetua nem com prazo determinado, tampouco se estabelece de modo instantâneo, pois opera um processo contínuo no qual a atenção vai e volta repetidas vezes, sem interrupção definida, como no balançar de uma criança. Também não se estabelece de modo imediato, pois exige acompanhamento constante, dispendioso, debruçado sobre aquilo que fisga e convoca do espírito algum trabalho de mergulho nos vários planos da experiência.

Em conversa com Claire Parnet, Deleuze (Deleuze & Parnet, 1977/1998) refere-se a duas concepções de aula, dois modos de conduzir-se no espaço contínuo e ritmado que as aulas possibilitam. De saída afirmamos que não se trata de optar por uma ou outra concepção, mas de correlacioná-las no que tangem à experiência de reconhecimento automático e reconhecimento atento, como possibilidades bifurcantes de experimentação da realidade. Por um lado, ele afirma, há uma concepção segundo a qual uma aula tem como objetivo obter reações imediatas de um público sob a forma de perguntas e interrupções. Por outro lado, e esta é a modalidade a qual Deleuze (Deleuze & Parnet, 1977/1998) prefere se vincular, trata-se de uma concepção musical de aula.

Não interrompemos a música, seja ela boa ou ruim. Interrompemos se ela é muito ruim (...). Sempre tem alguém que não entende na hora. E há o que chamamos de efeito retardado. Também

é como na música. Na hora, você não entende um movimento, mas, três minutos depois, aquilo se torna claro porque algo aconteceu nesse ínterim. Uma aula pode ter efeito retardado. Podemos não entender nada na hora e, dez minutos depois, tudo se esclarece (Deleuze & Parnet, 1977/1998 p. 85).

Para o filósofo, cujas aulas duravam cerca de duas horas e meia, como ele conta a Claire Parnet, não há como escutar e entender tudo que uma aula pretende ensinar, tampouco há o objetivo de que seja entendida totalmente. Deleuze ressalta o efeito retroativo que se desencadeia em movimento, e por isso dá primazia a não interrupção imediata. Ainda nos conta, nesta entrevista com Claire Parnet, de como gostava do público variado em suas aulas, pois nestes casos ele era capaz de sentir o deslocamento dos centros de interesse pulando de um canto a outro do espaço, o que formava, como ele diz, uma espécie de tecido esplêndido, de textura muito singular. Poderíamos questionar, mergulhando nesta questão, o que afinal se opera para que algo emergja exigindo detenção da atenção e necessidade de desdobramento? O que acontece para que se produza um acontecimento?

Questões talvez mal colocadas, ainda que curiosas, não podendo ser respondidas de uma vez por todas, a não ser esmiuçando os regimes de afetabilidade que cada corpo vai produzindo de modo singular no viver situado, nos agenciamentos a partir dos quais surge e por onde opera. Lembremos Bergson, ao afirmar que “a cada um dos movimentos do nosso corpo, tudo muda, como se girássemos um caleidoscópio” (Bergson, 1896/1999, p. 25). Para Deleuze (Deleuze & Parnet, 1977/1998) é necessário que algo atue como diferença, ou seja, para que um acontecimento emergja é preciso uma diferença de potencial inscrita como planos distintos que se inter cruzam, sendo a função dos intercessores, operatórios no exercício do pensamento, mais a de transversalizar a experiência do que horizontalizar num mesmo plano o que já se supunha sabido.

Bergson (1932/1978) esmiúça o processo de reconhecimento atento, avizinjado à produção de encontros disruptores que, tal como prefere Deleuze (1968/1988), impossibilitam a precipitação de reações imediatas, pois surgem da quebra do equilíbrio sensório-motor do corpo. Nesta ruptura sensível, operada de modo inesperado, Bergson lembra que se acompanha uma qualidade de emoção que se

assemelha em muito à sensação de obrigação. “Se a atmosfera da emoção estiver presente, se tivermos nela respirado, se a emoção nos penetrar, agiremos de acordo com ela, sacudidos por ela. Não coagido ou obrigado, mas em virtude de uma inclinação à qual não poderíamos resistir” (Bergson, 1932/1978, p. 40). Ele ressalta, no entanto, que esta sensação difere da obrigação definida como aquilo que não encontrará resistência, ou que só imporá o consentido, sendo, por outro lado, próximo à sensação de obrigação naquilo que impõe alguma coisa (Bergson, 1932/1978, p. 33).

David Lapoujade (2013) fala a respeito das técnicas de controle e formas de servidão completamente mascaradas pelas emoções. O esporte, o cinema e outros meios podem desempenhar esse papel hoje. Como afirma Lapoujade:

Não é difícil experimentar hoje emoções doces, fortes, individuais ou coletivas, o problema, então, é de encontrar o critério que diferencia essas emoções - que Bergson chama superficiais - das emoções profundas. A solução de Bergson é muito bonita: são superficiais todas as emoções provocadas por objetos que comovem. Um filme triste faz chorar, uma piada faz rir, um ato imoral escandaliza etc. Há uma causalidade evidente. Mas as emoções profundas são as que invertem essa causalidade. São profundas todas as emoções que engendram seu objeto, no sentido em que elas nos fazem ver sob um aspecto radicalmente novo, como se ninguém antes tivesse visto sob este aspecto. Neste sentido, uma emoção profunda não nos emociona, ela nos ensina alguma coisa de novo, de inesquecivelmente novo. Sim, a emoção não emociona, ela ensina (Lapoujade, 2013, pp. 110-111).

Talvez ele esteja se referindo justamente à qualidade de vai e vem da atenção ao abrir espaço para que o novo possa se acomodar enquanto incomoda. Na emoção mais tranquila podemos perceber certa exigência de ação, Bergson (1932/1978) nos diz. O que não significa que poderemos agir imediatamente ou que a ação não sairá caducada.

No processo de fruição da experiência estética, tanto quanto no processo de reconhecimento atento, há uma experiência de ser apanhado pelo composto (Deleuze & Guattari, 1992, p. 227). Inicialmente ocorre uma seleção do movimento que é vinculada à ação e se detém sobre ela. Neste momento, há certo tipo de inibição branda dos outros movimentos não selecionados, o que não significa dizer que sua ação deixa de exercer um tipo de influên-

cia sobre o corpo. Mas uma relação mais estreita é estabelecida com o movimento que foi selecionado. Ou seja, somos forçados, como diz Bergson (1896/1999) referindo-se a Théodule Ribot³ a nos determos sobre aquilo que gera um movimento de suspensão da atitude natural e atração inadiável, o qual nos introduz num plano da experiência muito distinto do expediente normal. Porém, Bergson (1896/1999) critica a posição de Ribot uma vez que este não avança para além desta constatação, captando do fenômeno atencional apenas seu aspecto negativo, ou seja, seu movimento de detenção. Mas uma vez que nos detemos, o que se passa? Como nos reorientamos a partir do que se opera no encontro e exige reorganização?

Bergson (1896/1999) afirma que à medida que se estabelece certa relação privilegiada com aquilo que exige suspensão da atitude natural, há uma conversão da atenção em curso: à percepção presente se unem as memórias que se insinuam em sua direção. Isto é, o espírito não se volta para o futuro, ansioso por agir imediatamente diante do que se estranha, mas, numa outra direção, o espírito se abre à irrupção da memória. Em outras palavras, o estímulo saído da imagem exige um mergulho na experiência. Há um redirecionamento sensível operando.

Esta conversão (da ação atual para a experiência virtual) não coincide com um voltar-se para a própria intimidade e para as representações que o sujeito tem de si mesmo. Não se trata de um esquadrinamento interior que operaria por semelhança e necessidade. De outro modo, somos redirecionados para os processos que ocorrem durante a experimentação e que, ao fissurarem o sistema sensório-motor provocam, antes, uma sensação de distanciamento em relação a nossa atualidade, guardando pistas muito concretas de um “si mesmo vazio de si”, no modo como se referem Varela et al. (2003). É voltando-nos para experiência que encontramos seu fora e as possibilidades de transformação que daí advém.

Enquanto o circuito do processo de reconhecimento automático é percepção-resposta motriz no processo de reconhecimento atento

a percepção não se prolonga em ação motora, mas entra em circuito com a memória.

Assim, por exemplo, se casualmente nos encontramos com alguém que não víamos há muitos anos, e que embora esteja muito diferente, guarda ainda alguns traços que nos são familiares, inevitavelmente interrogaremos: de onde conheço esta pessoa? Na base desta operação está um processo distinto do que ocorre no reconhecimento automático. No reconhecimento atento o que está no início é uma interrogação, ou mais adequadamente, uma qualidade de suspensão da atitude natural. Esta suspensão impede a ação motriz, ou a caduca, fazendo com que a atenção se volte para a imagem percebida. Isto é, a imagem continua sendo percebida, mas ao invés de a resposta ser acionada simplesmente, aciona-se também um dispositivo auxiliar com o propósito de reconhecê-la, o qual consiste em vagar transversalmente pelos planos da experiência.

Enquanto no reconhecimento automático o que se opera é uma resposta imediata, no reconhecimento atento o processo de rememoração toma o lugar da ação motriz. De modo que, quando reconhecemos algo automaticamente, nenhum esforço é exigido. Aliás, como lembra Bergson, essa inteligência totalmente automática estende-se muito mais longe do que se imagina. A conversação que travamos correntemente compõe-se em grande parte de “respostas estereotipadas para perguntas banais, com a resposta sucedendo-se a pergunta sem que a atenção se interesse pelo sentido de uma ou outra” (Bergson, 1934/2006, p.174).

Tendemos a nos relacionar muitas vezes a partir desta relação de estereotipia e semelhança também, insensíveis para as pequenas mudanças posturais que estão sempre ocorrendo. É comum nos encontrarmos com amigos antigos e nesta reunião tentarmos fazer juntos atividades que outrora faziam sentido. Pode advir um mal-estar insuspeitado quando lembramos um traço ou trejeito de alguém e notamos que congelamos (ou que nos congelaram) numa imagem estática já tão equivocada, desatentos para as distâncias que na singularidade do tempo efetuaram golpes em outras direções.

Mas quando nos deparamos com certa dificuldade de reconhecer, ou quando habitamos o

³ Théodule Ribot (1839-1916), psicólogo francês citado por Bergson em *Matéria e Memória* em sua discussão acerca dos regimes da atenção.

trânsito mais do que os estados estáticos que imobilizam, inevitavelmente experimentamos a realidade de outra maneira. É como se assumíssemos nossa impossibilidade de habitar um mundo que se avizinha, desfrutando do estado marginal e seu aspecto de fronteira.

A análise de Bergson ressalta esse entrecruzamento entre memória e percepção, situando-o de maneira singular. No processo de reconhecimento atento, o alvo selecionado corresponde àquilo que quebra o equilíbrio sensorio-motor do corpo e é nesta abertura à novidade que movimentos mais amplos e sutis são introduzidos onde uma inibição havia sido inicialmente efetuada. A atenção seria, então, “a misteriosa operação pela qual o mesmo órgão, percebendo no mesmo ambiente o mesmo objeto, descobre um número crescente de coisas” (Bergson, 1896/1999, p. 114). Esses movimentos ampliados em direção à novidade que se apresenta são continuados pelas lembranças-imagens. Neste encontro, há mútua interferência: o objeto é reconstruído, já que seus contornos são ampliados no momento em que são desintegrados e reintegrados, e o mesmo ocorre com o sujeito da percepção, que experiencia a desintegração e integração de seus traços subjetivos. Nesta operação sujeito e mundo surgem diferenciados a cada volteio e retorno.

Na história das descrições do processo atento, o efeito inibitório da atenção sempre esteve presente, mas em Bergson (1896/1999) a atenção inclui tanto o processo de recorte e limitação do fluxo de imagens quanto o acréscimo da memória que é atualizada nesta relação. E se estas lembranças são o que de mais singular é acrescentado ao processo de percepção do mundo, elas não são selecionadas por uma subjetividade interior destacada e separada da externalidade presente. É a situação imediata vivida na relação primeira entre sujeito e imagem que dá as coordenadas e que funciona como o filtro do vasto campo das memórias de ação que constituem o sujeito.

Além disso, interessará a atualização das memórias que auxiliam no processo da experiência presente. Na teoria da atenção de Bergson (1896/1999), o passado só retorna à consciência na medida em que pode ajudar a compreender e interferir no presente, ele é um *éclairé* de l'action. Este é o elo que se fortalece entre a vida psíquica e a vida da

ação. A lembrança que tende a aparecer é justamente aquela que, mesmo não sendo consciente, auxilia na ação que está sendo desenvolvida.

O entrecruzamento entre percepção e memória, tal qual apontado por Bergson, não se opera como classicamente se colocava, ou seja, em uma direção linear que parte da imagem do objeto para encontrar sua contrapartida mnésica possuída pelo sujeito (Ferraz, 2010, p. 86). O funcionamento atencional não se assemelha, portanto, ao deslizamento de um feixe de luz foco a foco, mas, antes, a um *circuito elétrico* onde todos os elementos se encontram em estado de tensão mútua, produzindo um contínuo movimento no qual se caminha a partir de um sistema de coordenadas constantemente revistas. Assim, não ocorrendo em linha reta, o reconhecimento atento opera um retorno contínuo àquilo que quebra o esquema sensorio-motor, daí a possibilidade de, ao nos atermos, ou seja, ao estarmos atentos, desdobrar novos elementos que não se evidenciavam inicialmente. Daí afirmarmos a importância política de sua experimentação: é um regime que conversão da atenção que exige uma postura de habitação do presente em seu ressoar temporal. Neste processo de vaivém entre si e mundo o que se experimenta é a surpresa de surgimentos diferenciados a cada volta e retorno.

Referencias

- Bergson, Henri (1932/1978). *As duas fontes da moral e da religião*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bergson, Henri (1896/1999). *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bergson, Henri. (1901/2004) O Sonho. *Trans/Form/Ação*, 27(1), 93-109. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31732004000100008>
- Bergson, Henri (1902/2006). O esforço intelectual. *Trans/Form/Ação*, 29(1), 123-146. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31732006000100008>
- Bergson, Henri (1934/2006). *O pensamento e o movente*. São. Paulo: Martins Fontes.
- Caiafa, Janice (2000). *Nosso século XXI: notas sobre arte, técnica e poderes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Deleuze, Gilles (1968/1988). *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal.

- Deleuze, Gilles & Guattari, Félix (1992). *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, Gilles & Parnet, Claire (1977/1998). *Diálogos*. São Paulo: Escuta.
- Despret, Vinciane (2012). *Que diraient les animaux, si... on leur posait les bonnes questions?* Paris: Empêcheurs de penser en rond, coll. «La découverte».
- Ferraz, Gustavo Cruz (2010). *A percepção em experimentação: uma dimensão política da relação com a arte*. Tese de doutorado inédita. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Lapoujade, David (2013). Tempo, liberdade e emoção. *Cadernos de Subjetividade*, 10(15), 109-115.
- Maturana, Humberto & Varela, Francisco (2001). *A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Pala Athenas.
- Merleau-Ponty, Maurice (1942/1975). *A estrutura do comportamento*. Belo Horizonte: Interlivros.
- Varela, Francisco. Thompson, Evan & Rosch, Ellen (2003). *A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana*. Porto Alegre: Artmed.



CRISTIANE BREMENKAMP CRUZ

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Psicóloga, graduada pela Universidade Federal do Espírito Santo.

MARCIA OLIVEIRA MORAES

Pós-doutorado em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Lancaster University. Doutora em Psicologia Clínica pela PUC/SP. Professora Associada, Departamento de Psicologia e Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

LUCIANA VIEIRA CALIMAN

Professora de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional do Departamento de Psicologia da UFES - PPGPSI - pós-doutora em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Doutora e Mestre em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social (IMS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

DIRECCIÓN DE CONTACTO

mazamoraes@gmail.com

FORMATO DE CITACIÓN

Cruz, Cristiane Bremenkamp; Moraes, Marcia Oliveira e Caliman, Luciana Vieira (2015). Movimentos de conversão da atenção e experiência de transformação de si. *Quaderns de Psicologia*, 17(1), 97-108. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/psicologia.1234>

HISTORIA EDITORIAL

Recibido: 15/10/2014
Aceptado: 19/05/2015